

A FLORA MEDICINAL DOS QUINTAIS DE TANGARÁ DA SERRA, MATO GROSSO, BRASIL

Rogério Pinto de Moura Moreira ¹
Germano Guarim Neto²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo realizar a investigação do etnoconhecimento cultural e social de moradores do município de Tangará da Serra, a respeito do conhecimento ecológico tradicional que detêm sobre o uso e manejo dos vegetais presentes em seus lares, com base fortemente ligada às percepções. Tratando de uma pesquisa com caráter eminentemente qualitativa utilizou-se de entrevistas para coleta dos dados. As informações dos respectivos quintais e dos moradores foram obtidas por meio de entrevistas com a utilização de formulários com perguntas abertas e semiestruturadas. Foram entrevistados 54 moradores residentes da área urbana, sendo que a faixa etária dos informantes variou de 18 a 89 anos de idade, sendo que 85% dos informantes foram mulheres. Durante as visitas aos quintais estudados, foram encontradas e identificadas 93 espécies botânicas, distribuídas em 47 famílias. As plantas com maior representatividade incluem-se nas famílias Lamiaceae com 12 espécies e Asteraceae com 7. Nesse estudo, a parte da planta mais utilizada no preparo dos remédios caseiros foi a folha (59 indicações), e a forma de preparo foi através do uso de chás. Neste cenário ficou evidente uma forte aproximação entre homem-planta, relações estas que proporcionam boa qualidade de vida, segurança e cuidados alimentares.

Palavras-chave: Etnobotânica, conhecimento tradicional, conservação, manejo.

THE MEDICINAL FLORA OF SAW TANGARA QUINTALS, MATO GROSSO, BRAZIL

ABSTRACT: This study aims to conduct the investigation of the cultural and social ethnoknowledge residents of Tangara da Serra municipality, about traditional ecological knowledge they hold about the use and management of plants present in their homes, with strongly linked to perceptions base. Addressing an eminently qualitative character with research used interviews for data collection. The information of their backyards and residents were obtained through interviews with the use of forms with open and semi-structured questions. We interviewed 54 residents living in the urban area, and the age of the respondents ranged from 18 to 89 years old, and 85% of the respondents were women. During visits to the studied yards, were found and identified 93 plant species distributed in 47 families. Plants with greater representation include the families Lamiaceae with 12 species and Asteraceae with 7. In this study, part of the plant most commonly used in the preparation of home remedies was the sheet (59 nominations), and the form of preparation was through the use showers. In this scenario was evident close ties between man and plant, these relationships that provide good quality of life, food security and care.

Keywords: Ethnobotany, traditional knowledge, conservation, management.

¹Mestre em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, UFMT. E-mail: moreirabio06@gmail.com

²Dr. Orientador Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Cuiabá. guarim@ufmt.br

INTRODUÇÃO

Quintais urbanos: espaços de conservação e de inserção na etnobotânica e na etnoecologia

“A planta agradece, sorri... isso é uma coisa invisível” (homem, 49 anos).

A partir do entendimento de que a Etnobotânica trata de estudos direcionados à relação mútua existente entre populações humanas e as plantas (COTTON, 1996), podemos direcionar estudos sob esta perspectiva em diferentes ambientes entre estes os quintais tanto urbanos, como rurais. A Etnobotânica é a ciência que se preocupa em resguardar tanto o conhecimento da flora local, como a cultura dos povos em relação às plantas. Esta ciência inclui diversas áreas do conhecimento cultural e, ainda, preserva o conhecimento acerca das plantas e do seu uso, muitas vezes para tratamento dos males do corpo e do espírito. Para Añez (1999), a Etnobotânica tem sido objeto de estudo em todas as partes do mundo, incluindo o Brasil, com as mais diversas áreas do conhecimento científico a fim de resgatar o conhecimento popular, acerca das plantas presentes, por exemplo, no tratamento de diversas afecções e mesmo revelar seus diversos usos à humanidade.

Desse modo, estudos da área da Etnobotânica vêm se destacando entre muitos aspectos, entre eles a importância do manejo e a conservação de recursos naturais (ALBUQUERQUE, 2005). Segundo Guarim Neto e Maciel (2008) a Etnobotânica faz parte dos estudos voltados para uma dimensão mais ampla, a Etnoecologia, que de certa forma estabelece o estudo a respeito do conhecimento humano, do saber local e das relações que coexistem entre eles, muitas vezes envolvendo os processos que acontecem nos ambientes.

Assim, a Etnoecologia é um campo multidisciplinar que conecta um conjunto de técnicas que envolvem a Biologia, Antropologia, Etnologia, Lingüística, Economia e outros campos, estabelecendo a relação do conhecimento das populações humanas em torno das ações humanas e seus processos naturais (GERIQUE, 2006).

Amaral (2008) ressalta que estudos que envolvem essa ciência têm o intuito de *“compreender a forma que o ambiente é percebido pela população que nele vive, utilizando como ferramentas, o estudo dos aspectos históricos, econômicos e culturais, que definem e identificam um determinado grupo social”*. É desse ponto que a Etnoecologia explora essas ferramentas da linguística para investigar o meio ambiente e seus fenômenos pela percepção do homem (POSEY, 1987).

Kormondy e Brown (2002) destacam que estudos da área da Etnoecologia são difíceis de serem aplicados, pois necessitam de um conhecimento extenso da língua falada pela população que será estudada e de como ela se relaciona com outros aspectos ligados a cultura. Entretanto, a Etnoecologia abrange um estudo complexo que integra as análises presentes no *komos-corporis-praxis (k-c-p)*, sistema esse definido por crenças (*komos*), conhecimentos (*corpus*) e práticas produtivas (*praxis*), desse modo, estas variáveis permitem a percepção e a compreensão do ambiente e seus processos naturais (TOLEDO; BOSSOLS, 2009).

Estas duas áreas do conhecimento, a Etnobotânica e Etnoecologia estão interligadas dentro das Etnociências que tratam de vários aspectos da ciência no contexto étnico (MORAIS; SILVA, 2011).

Desse encontro entre homem-ambiente, um local onde estas observações e análises em paralelo podem ser testadas com mais detalhes são os quintais (AMOROZO, 2008).

Isto dito, podemos então remeter para as reflexões sobre áreas diferenciadas em nosso território, tanto em espaços urbanos como rurais. São os quintais, os quais constituem a forma mais antiga de manejar a terra (AMARAL; GUARIM NETO, 2008). Esses espaços geralmente estão situados ao redor de residências, casas, moradias que devido às limitações do seu tamanho recebem e estabelecem inúmeras funções acerca de seu uso e aplicabilidade. De acordo com Amorozo (2008), os quintais das áreas urbanas estão diretamente ligados à produção de alimentos e remédios, conjunto de práticas que envolvem as partes mais carentes da população.

É através dessa plasticidade funcional que permite os estudos etnobotânicos e etnoecológicos e, são através dessas abordagens que são observados e analisados os saberes e manifestações da cultura local em relação ao uso dos recursos naturais existentes nos espaços denominados quintais.

Nesse contexto, uma das grandes contribuições matogrossenses ligadas ao etnoconhecimento enfocando os quintais e as populações humanas são dadas por exemplo por Guarim Neto; Carniello (2008), que abordam os quintais como espaços de conservação e reprodução de saberes. O que se observa é que a prática ligada ao uso de plantas é bastante comum entre populações do estado de Mato Grosso (GUARIM NETO, 1996; GUARIM NETO; CARVALHO, 2011; RIEDER; GUARIM; 2012).

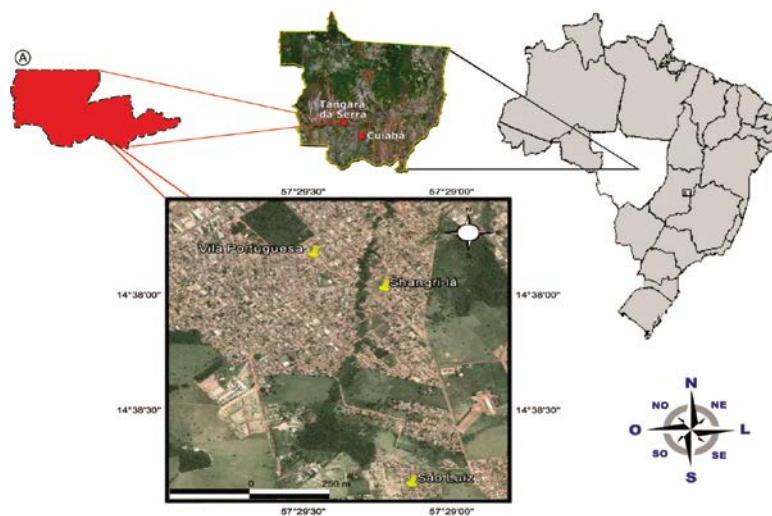
Dessa forma, o presente estudo objetivou a realizar a investigação do etnoconhecimento cultural, social de moradores do município de Tangará da Serra, a respeito do conhecimento ecológico tradicional que detêm sobre o uso e manejo dos vegetais presentes em seus lares, com base fortemente ligada às percepções. Dito isto, este trabalho direciona-se a verificar o que a população em estudo sabe sobre o uso de plantas, uma vez que a prática do uso de plantas é importante entre as populações humanas. Especificamente busca-se registrar as informações fornecidas pelos informantes; identificar taxonomicamente as plantas conhecidas e utilizadas pelos informantes da comunidade de estudo; verificar como o conhecimento sobre o uso de plantas é adquirido por eles; discutir e evidenciar a relação ser humano-planta-quintal, no contexto etnoecológico; analisar os quintais sob a ótica dos fatores sociais, culturais e econômicos verificando como influenciam na dinâmica e composição dos quintais.

MATERIAL E MÉTODOS

O município de Tangará da Serra (Figura 1) está localizado na região sudoeste do estado de Mato Grosso, com uma população de 83.432, essa região é conhecida como Médio Norte e dista 240 km da Capital Cuiabá, cuja sede esta nas coordenadas geográficas 14° 04' 38" S e 57° 03' 45" W (IBGE, 2010). As formações vegetais predominantes nessa região são o Cerrado e a Floresta Amazônia.

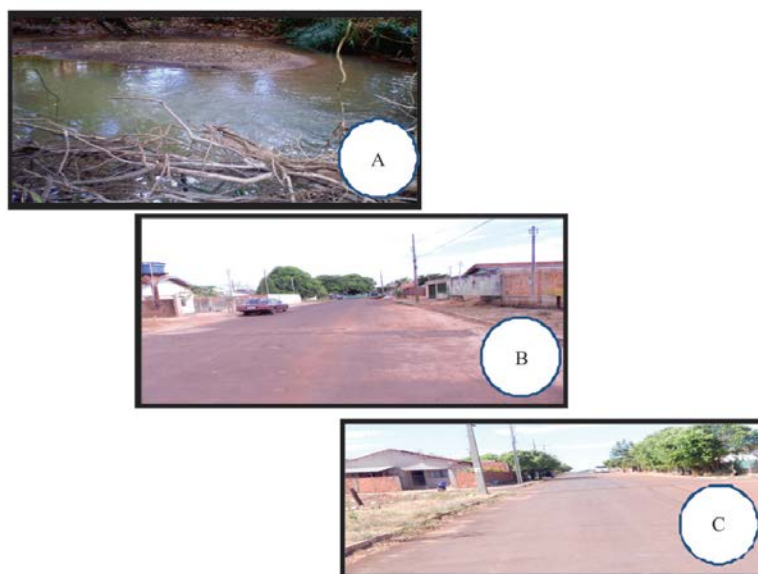
O clima dessa região é caracterizado como Tropical Quente e Sub-úmido, com período de quatro meses de seca (junho a setembro) e apresenta uma temperatura média anual de 24° C, com máxima de 38° e mínima de 26°C (FERREIRA, 2001). Segundo este autor, dentre as principais atividades econômicas desenvolvidas no município estão: agricultura (produção de soja e cana-de-açúcar), comércio, agroindústria e pecuária voltada para cria, recria, corte e leiteira.

FIGURA 1. Localização do município de Tangará da Serra (A). Em detalhe temos a vista aérea da malha urbana de Tangará da Serra, obtida a partir de imagens de satélite do Google Earth®, Os destaques em amarelo correspondem aos bairros visitados: Vila Portuguesa (1979), o Jardim Shangri-lá (1991) e Jardim São Luiz (2002) o bairro mais novo.



Foram escolhidos três bairros do município de Tangará da Serra para conduzir as pesquisas na região, como mostra a figura 2. As informações sobre o respectivo surgimento de cada loteamento foram obtidas por meio de um relatório da SEPLAN (secretaria de Coordenação e Planejamento) de Tangará da Serra e a partir daí foram escolhidos os locais para a coleta de dados. A escolha dos bairros foi feita adotando critérios como não serem muito distantes do centro da cidade, dito isto o bairro mais afastado do centro é o Jardim São Luiz (4km), seguido do Jardim Shangri-lá (1,5km) e a Vila Portuguesa (1km). Este procedimento foi estabelecido, para facilitar a locomoção das pessoas que ajudaram o pesquisador na coleta dos dados e evitar bairros que de certa forma apresentam um elevado índice de violência.

FIGURA 2. Bairros estudados em Tangará da Serra. A) Vista parcial do córrego Buriti, localizada no Jardim Shangri-lá. B) Uma das ruas da Vila Portuguesa, a qual obteve informações. C) Rua principal do Jardim São Luiz.



Curiosidade

Segundo Ferreira (2001) a denominação do nome que deu origem a este município ocorreu de forma proposital devido à presença de um pássaro com belo canto que aparentava cores exuberantes e expressivas, o Tangará (*Chiroxiphia caudata*). Segundo contam o pássaro é tão melodioso, que quando ele canta, outros pássaros ficam calados apenas para escutá-lo.

Transitando sobre os bairros: a população local e o olhar do pesquisador

A Vila Portuguesa, surgiu por volta do ano de 1979 e conforme foram sendo feitas as entrevistas nesse local aos poucos foram surgindo informações e curiosidades sobre o bairro. Segundo relato de moradores que residem há muito tempo no local, é um dos bairros mais antigos da região de Tangará da Serra e foi durante a visita a um dos moradores que descobrimos a origem do nome do bairro. Segundo consta, uma das primeiras moradoras da vila é uma mineira, a dona Amélia, viúva de um português, por causa disso ganhou o apelido “Portuguesa” e disso as ruas têm os nomes de seus filhos e parentes. O Jardim Shangri-lá teve seu processo de formação no início dos anos noventa (1991), esse bairro conta com posto de saúde municipal, que leva o nome do bairro e tem um Córrego chamado Buriti. O bairro mais novo deste estudo é Jardim São Luiz (2002), ele é bem aconchegante apesar de estar localizado um pouco distante do centro da cidade, pode-se notar um povo acolhedor nesse local, formado por pessoas simples, trabalhadores e detentores de um saber local que lhe é único. Esse bairro possui poucas ruas, conta uma creche municipal que atende ao bairro.

Coleta e análise dos dados

Tratando de uma pesquisa com caráter eminentemente qualitativa utilizou-se de entrevistas para coleta dos dados. A pesquisa qualitativa baseia-se na qualidade precisa dos dados e não em sua quantidade (POSEY, 1987).

As entrevistas e as respectivas coletas dos dados foram realizadas em três bairros desse município, e a ordem na busca dos dados começou no bairro Jardim Shangri-lá, seguido da Vila Portuguesa e Jardim São Luiz. As entrevistas ocorreram no período de novembro de 2012 a março de 2013.

A coleta dos dados foi feita por meio de estudo de caso, através de visitas domiciliares e relatos de história de vida dos moradores participantes (SANTOS; GUARIM NETO, 2008).

As informações dos respectivos quintais e dos moradores foram obtidas por meio de entrevistas com a utilização de formulários com perguntas abertas e semiestruturadas, seguindo as técnicas de entrevistas de citadas por Albuquerque e Lucena (2004). O formulário consiste em duas etapas, a primeira investiga os dados sócio-demográficos (sexo, idade, ocupação, renda, escolaridade, tempo de residência e naturalidade) e a segunda verifica o etnoconhecimento dos informantes sobre a utilização e a relação dos recursos vegetais encontradas na flora local, os quintais.

O ponto de partida em cada bairro se deu através da técnica denominada de *snow ball sampling* (bola-de-neve) (GOODMAN, 1961), a qual é usada para identificar e selecionar informantes, onde um grupo de pessoas é incorporado às entrevistas pelas

indicações do informante-chave. A informante-chave desta pesquisa foi a dona A.M.F, moradora do bairro Jardim Shangri-lá. Nascida no interior do estado de Minas Gerais, aos sete anos de idade veio a Mato Grosso daí então a mais de 40 anos essa pioneira reside em Tangará da Serra. Foi através do verde de seu quintal, que nos abriu as portas para alguns de seus vizinhos e pessoas próximas do local, estabelecendo dessa forma o contato inicial com os moradores dos bairros estudados.

Neste estudo quando um informante não indicava outro a participar da entrevista nesse caso, recorria-se sempre ao informante chave e, quando este por sua vez não podia mais ser solicitado, partíamos para a intencionalidade. Esse processo era feito a partir da observação direta dos pesquisadores onde era vista a presença de moradores na casa. Entre os elementos que fazem parte deste contexto, tem-se o efeito Rapport. Esse efeito consiste quando queremos interagir com alguém, ou seja, estabelecer um tipo de contato com alguém e até mesmo ganhando sua confiança (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004). É através dessa plasticidade que se estabelece um elo de confiança entre pesquisador e entrevistado, sendo este o ponto de partida para adentrar e conhecer a comunidade-alvo dos estudos.

Para o desenvolvimento das entrevistas nas áreas estudadas foram feitas observações, anotações em caderno de campo e gravações quando permitido. As espécies amostrais foram fotografadas e as plantas estão ordenadas segundo o APGIII (SOUZA; LORENZI, 2012), consulta da Lista de Espécies da Flora do Brasil (2013) e revisão da lista das espécies feita pelo professor Doutor Germano Guarim Neto. Nesses locais não foram coletadas amostras botânica mantendo apenas o uso do registro fotográfico necessário, obedecendo aos critérios propostos por Vogl, Vogl-Lukasser e Puri (2004), que resalta que em áreas urbanas têm poucos indivíduos de uma espécie que estão nos quintais e que sua coleta poderá comprometer a própria espécie levando-a o seu desaparecimento. E mesmo porque as espécies identificadas são tradicionais e já têm sua identificação reconhecida.

Além desses procedimentos apresentados, cada quintal foi apresentado ao pesquisador através da chamada turnê-guiada (figura 3), que consiste em uma caminhada, uma volta com o morador em torno de seu quintal, é nesse momento também que o informante revela as plantas de seu conhecimento popular e assim são feitas as anotações, observações e o registro fotográfico (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004).

FIGURA 3. Turnê-guiada realizada com os moradores de Tangará da Serra.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos informantes

Foram entrevistados 54 moradores residentes da área urbana do município de Tangará da Serra-MT, dos colaboradores dessa pesquisa 85% dos informantes são mulheres (46 no total). Muitas vezes ela é a principal responsável pelos cuidados da casa, dos filhos/netos e, até mesmo na presença do marido era indicada a participar da pesquisa, pois na maioria das vezes é a responsável pelo zelo do quintal. Resultados etnobotânicos sobre o número expressivo da mulher em trabalhos dessa natureza foram encontrados em outras obras matogrossenses como em Añez (1999) estudo etnobotânico na comunidade do Gârces; Amaral (2008) no município de Rosário Oeste; Guarim Neto e Maciel (2008) estudando os recursos vegetais em Juruena e Campos (2012) em estudo da flora dos quintais no município Nobres mostraram a riqueza do conhecimento de pessoas que vivem em áreas diversas.

A faixa etária dos informantes variou de 18 a 89 anos de idade, a distribuição de faixa etária neste estudo foi ordenada segundo o IBGE, que relaciona jovens (18 a 25 anos), adultos (25 a 59 anos) e idosa (60 anos ou mais). Nesse contexto, obtivemos a faixa etária jovem (3,70%) com a menor participação nas entrevistas, seguidos dos idosos (42,50%) e adultos (53,70%) com maior representatividade nesta pesquisa. Em relação à faixa etária idosa, Guarim Neto (1996), relata que a prática ligada ao uso de plantas de certa forma é estabelecida entre pessoas mais idosas, que de um modo ou outro levam consigo informações preciosas. Esse mesmo autor menciona que o uso de plantas é muito significativo entre a população do estado de Mato Grosso.

Sobre a origem dos atores sociais que participaram desta pesquisa a maioria dos entrevistados é do estado de Minas Gerais (12 - 22,20%), seguido dos estados: Paraná (9 - 16,60%), São Paulo (7 - 12,90%), Mato Grosso (7 - 12,90), Rio Grande do sul (4 - 7,40%), Bahia (3 - 5,50%), Mato Grosso do Sul (3 - 5,50%), Goiás (3 - 5,50%), Santa Catarina (3 - 5,50%), Ceará (1 - 1,80%), Pernambuco (1 - 1,80%) e Tocantins (1 - 1,80%). Das sete

peças que representam Mato Grosso na pesquisa, apenas cinco são naturais da própria região de Tangará da Serra. Resultados semelhantes são encontrados em outros trabalhos como de Santos e Guarim Neto, (2008); Guarim Neto e Novais, (2011), diretamente relacionados à heterogeneidade de sua origem, em geral informantes são advindos de outras partes do Brasil, devido a processos de ocupação da região.

Nesse cenário, pode-se constatar que parte dessa população de estudo reside há mais de 20 anos na região tangaraense, representado 30% (17 pessoas no total) e aqueles com mais de 30 anos (15) conhecidos pioneiros da região, pessoas antigas que vieram e presenciaram o processo de crescimento da cidade.

Renda e ocupação dos informantes

O universo amostral apresenta baixa escolaridade, sendo que a maioria cursou o ensino fundamental incompleto (55,5% - 30 informantes), o mesmo encontrado no trabalho de Novais; Guarim Neto (2011) relacionado ao grau de instrução onde 60% dos entrevistados não concluíram o ensino médio, os dados deste estudo revelam também aqueles que possuem o ensino médio completo (12,96% - 7 informantes) e médio incompleto (3,70% - 3 informantes). Nesse cenário apenas 2 informantes apresentam nível superior completo (3,7%). Desse universo amostral o número de pessoas que não possuem escolaridade, aqueles que disseram que não foram à escola somam 22,2 % (12 informantes), pois desde cedo acompanhavam os pais na tarefa da roça e outros afazeres que impediram de certa forma o contato com a escola.

Em relação às ocupações exercidas pelos informantes, apontadas na tabela 1, observa-se que a profissão do lar foi a predominante nesse contexto com 51,85%, fato que ficou evidente devido às mulheres serem as principais mantenedoras dos quintais, por isso à sua presença ser maior na participação nas entrevistas, que de certa forma ela na maioria das vezes é responsável pelos cuidados dos filhos e afazeres domésticos, sendo a renda do homem a única fonte de sustento da família. Nesse contexto, sobre a renda dos participantes, foi verificada que boa parte dessas famílias sobrevive com uma renda de pouco mais que dois salários (21 informantes - 38,88%), seguidos daqueles que se mantêm e sustentam sua família com apenas um salário (17 informantes - 31,48%) e apenas um informante disse não possuir nenhum tipo de renda. (Tabela 1).

TABELA 1. Profissões dos informantes do município de Tangará da serra-MT.

Profissões	Total
Do lar	28
Doméstica	5
Aposentado	4
Costureira	2
Pedreiro	2
Mecânico	1
Professora	1
Merendeira	1
Artesã	2
Vendedora	2
Serviços Gerais	2
Autônomo	2
Estudante	1
Frete (caminhão)	1

O conhecimento que perpassa através do tempo

Em relação à forma de transmissão do conhecimento sobre o uso de plantas, segundo a população local, foram apontadas seis formas de como esses informantes adquiriram esse conhecimento ao longo do tempo. Os dados revelam que 68,5% dessa população adquiriram esse conhecimento pela oralidade transmitida de seus antecedentes, conhecimento herdado de geração a geração. Toledo e Bassols (2009) relatam que a transmissão do saber tradicional muitas vezes é transmitida e compartilhada mediante a reprodução da fala, do contato, ou seja, da conversa direta que se estabelece entre os indivíduos do passado (pais e avós) e entre indivíduos de geração futura (filhos e netos).

Obtivemos ainda, aqueles que aprenderam sozinhos esse conhecimento (11,1%) e outros que por motivo de desde cedo tiveram que ir trabalhar na roça acompanhar os pais e assim aprenderam esse conhecimento no campo (9,25%). Entre eles, 1,85% obtiveram informação através de veículos de informação como a internet e um caso interessante relatado foi da mãe que aprendeu com o próprio filho (1,85%), caso esse observado no bairro Jardim Shangri-lá. Uma moradora relatou não ter aprendido (1,85%) e 5,5% constam ter aprendido com outras pessoas.

Segundo Añez (1999) o conhecimento empírico a respeito do uso dos vegetais (especialmente os recursos medicinais da flora), permite certa tranquilidade das pessoas que os indicam, *pois o exercício dessa medicina tradicional e o retorno dos enfermos que se curaram, fortalece e favorece mais ainda o uso dessa prática e a continuidade na transmissão das informações.*

Para Guarim Neto e Maciel (2008) desde muito tempo o homem busca nas plantas alívio para seus males corporais e espirituais e que no Brasil é relativamente comum essa troca, esse repasse de informações que envolvem as plantas na cura de diversas afecções.

A voz da experiência, ou seja, as pessoas mais idosas revelam que o uso de plantas de um modo geral aos poucos está sendo esquecido pela população, devido à disponibilidade de outros recursos e até mesmo de plantas que não se vêm mais entre os quintais.

Segundo Amaral (2008), quando poucos informantes mencionam o uso de tal prática isso pode ser um sinal de que tal crença esteja desaparecendo, ou seja, sendo esquecido pelos mais novos que por um motivo ou outro já não se interessam em manter viva essa tradição, desse modo preferindo a utilização de técnicas mais sofisticadas.

A flora nos quintais de Tangará da Serra: a biodiversidade revisitada

Durante as visitas aos 54 quintais estudados na cidade de Tangará da Serra, foram encontradas e identificadas 93 espécies botânicas distribuídas em 47 famílias, e entre as espécies de maior ocorrência nesse estudo destacam-se a cebolinha (*Allium cepa* L.) com 25 citações, o mesmo encontrado com maior frequência nos quintais urbanos de Mirassol do oeste (CARNIELLO et al 2010), seguidas do mamão (*Carica papaya* L. - 20), boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews - 18) e capim-cidreira (*Cymbopogon citraus* L.) e none (*Moringa citrifolia* L.) com 16 observações representando as cinco mais citadas neste estudo.

Dessa análise, as plantas com maior representatividade incluem-se nas famílias Lamiaceae (14), Asteraceae (7); Myrtaceae (5), Curcubitaceae, Amaranthaceae e Rutaceae com 4 espécies. Entre os estudos que demonstram a representatividade das famílias Lamiaceae e Asteraceae em quintais no Mato Grosso, esta os de Amaral (2008); Campos (2012), sendo frequentes em estudos de quintais.

A etn categoria revelada: o uso diverso das espécies medicinais catalogadas

Nos respectivos quintais percebe-se uma diversidade de uso dos vegetais destacando principalmente para este estudo a categoria medicinal (Tabela 2), como mostra a tabela 2, obtiveram-se também as categorias alimentar, ornamental, a mística, tóxica e embelezamento, que serão abordados em trabalhos futuros. Dessa forma, é importante salientar que uma mesma planta pode se encaixar em mais de uma categoria de uso.

TABELA 2. Composição florística dos quintais estudados dos bairros Vila Portuguesa, Jardim Shangri-lá e Jardim São Luiz. Tabela ordenada a partir das famílias com maior representatividade de espécies, com nome popular, família, espécie, parte botânica utilizada preparo e aplicabilidade das espécies citadas pelos informantes de Tangará da Serra-MT.

Família	Espécie	Nome Popular	Parte botânica utilizada	Preparo	Aplicabilidade
1. Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Folhas	Salada Natural	Culinária/ Bom para o coração
2. Lamiaceae	<i>Mentha viridis</i> L.	Alevante	Folhas	Chá	Verme Antiespasmódico e calmante
3. Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca	Folhas	Chá	Conjuntivite Gripe Expectorante
4. Lamiaceae	<i>Lavandula spicata</i> L.	Alfazema	Folhas	Chá Xarope	Insônia Bronquite
5. Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	Folhas	Maceração	Dores no estômago Diurético
6. Lamiaceae	<i>Melissa officianalis</i> L.	Erva cidreira	Folhas	Chá	Calmante
7. Lamiaceae	<i>Mentha x villosa</i> Huds	Hortelã	Folhas	Chá	Gripe
8. Lamiaceae	<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã pimenta	Fruto Folhas	Tempero	Gripe Tempero de carne
9. Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão	Folhas	Cozinha	Gripe Estresse, calmante
10. Lamiaceae	<i>Oreganum vulgare</i> L.	Orégano	Folhas	Tempero Chá	Culinária Não se lembra do uso medicinal
11. Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Folhas	Chá	Gripe
12. Lamiaceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	Ponta Lívia/livre	Folha	Cozinha	Dor, Pontada Coração
13. Lamiaceae	<i>Leonotis sibiricus</i> L.	Rubim	Folhas	Água fria	Dor de barriga
14. Lamiaceae	<i>Mentha arvensis</i> L.	Vick	Folha Raiz	Tempero Chá	Calmante Gripe Comestível
15. Asteraceae	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Folhas	Chá	Salada
16. Asteraceae	<i>Vernonia polianthes</i> L.	Caferana	Folhas	Chá Água fria	Dores no corpo Gripe
17. Asteraceae	<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo defunto	Folhas	Chá	Dores
18. Asteraceae	<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd.	Guaco	Folhas	Chá	Dor de cabeça
19. Asteraceae	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	Flor	Não sabe	Paisagismo

			semente		Apenas sabe que é medicinal
20. Asteraceae	<i>Artemisia hysterophrus</i> L.	Losna	Folhas	Chá Macerado Garrafada	Machucado nos pés/estômago Intestino
21. Asteraceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Folhas Semente	Sumo Natural	Verme Perna quebrada (cicatrizantes e contusões)
22. Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	Folhas	Chá	Gripe
23. Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Folhas Fruto	Natural Chá	Diarreia
24. Myrtaceae	<i>Myrciaria jabotica</i> (Vell.) O. Berg	Jaboticaba	Fruto	Natural	Comestível Suco/doce
25. Myrtaceae	<i>Eugenia malaccensis</i> L.	Jambo	Fruto	Natural	Comestível
26. Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Fruto	Suco	Comestível Apenas sabe que é medicinal
27. Cucurbitaceae	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora	Fruto	Cozinha	Doce/culinária Diarreia e prisão de ventre
28. Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i> Sw.	Chuchu	Fruto	Cozinha Chá	Comestível Culinária
29. Cucurbitaceae	<i>Citrullus vulgaris</i> Schr.	Melancia	Fruto	Natural	Comestível Apenas sabe que é medicinal
30. Cucurbitaceae	<i>Cucumis melo</i> L.	Melão	Fruto	Não sabe	Comestível
31. Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	Fruto Folha Casca	Chá Suco	Gripe Indigestão
32. Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L) Burm. f.	Limão	Folha Fruto	Natural Chá	Suco Gripe
33. Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L) Burm. f.	Limão rosa	Fruto Folha	Suco Chá Natural	Gripe
34. Rutaceae	<i>Citrus swingle</i> (L) Burm. f.	Limão galego	Folha	Natural Chá Suco	Gripe
35. Amaranthaceae	<i>Celosia cristata</i> L.	Crista de galo	Toda planta	Não sabe	Paisagismo Não sabe o uso medicinal
36. Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L) Kuntze	Novalgina	Folhas	Ferve	Dor/febre/tira infecções
37. Amaranthaceae	<i>Althernantera macrophyllus</i> Miq.	Penicilina	Folhas	Bate o sumo das folhas/prepara junto com algodão	Antibiótico Infecção Antiinflamatório
38. Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> L.	Terramicina	Folhas	Chá	Infecção
39. Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Fruto	Natural	Suco/doce Apenas sabe que é

					medicinal
40. Anacardiaceae	<i>Spondias lutea</i>	Caja manga	Fruto	Natural	Comestível Apenas sabe que é medicinal
41. Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Fruto	Natural Suco Doce	Comestível
42. Rosaceae	<i>Fragaria vesca</i> L.	Morango	Fruto	Natural	Usado com vitamina
43. Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa branca	Flor Pétala	Ferve/chá	Problemas de visão
44. Rosaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Folha	Chá/na pinga ou na água	Cólica/ronquidão e resfriado
45. Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim cidreira	Folha	Chá	Calmante
46. Poaceae	<i>Zea mays</i> L.	Milho	Fruto folha	Chá	Diurético
47. Poaceae	<i>Sacharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	Cana	Natural	Comestível Pedra nos rins
48. Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Folha	Tempero	Culinária Gastrite e uso na salada
49. Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill	Erva doce	Folha	Chá	Calmante
50. Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> L.	Salsa	Folha Raiz	Tempero	Comestível
51. Malvaceae	<i>Eriobotrya japonica</i> L.	Ameixa	Fruto	Doce Chá	Comestível
52. Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	Fruto	Cozinha	Comestível
53. Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Bulbo	Tempero	Culinária Gripe
54. Amaryllidaceae	<i>Allium cepa</i> L.	Cebolinha	Folhas	Tempero	Culinária Colesterol e tosse
55. Oxalidaceae	<i>Oxalis latifolia</i> H.B.K	Azedinha	Folha	Natural	Apenas sabe que é medicinal
56. Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Fruto	Natural	Comestível/ Apenas sabe que é medicinal
57. Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Fruto	Ferve	Bom para o rim
58. Rubiaceae	<i>Moringa citrifolia</i> L.	None	Folhas Fruto	Chá/garrafada mais suco de uva	Bom para emagrecer/segundo o saber deles cura ate câncer
59. Annonaceae	<i>Annona reticulate</i> L.	Fruta do conte	Fruto	Natural	Comestível
60. Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Fruto	Natural	Comestível Suco
61. Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	Caule Raiz	Cachaça Cozido	Apetitivo/apenas sabem que é medicinal
62. alpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Fruto Folha	Suco Chá	Vitamina C e bom para Gripe

63. Iridaceae	<i>Crocus sativus</i> L.	Açafrão	Folhas	Macera Tempero	Bom para garganta/coração Culinária
64. Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	Folhas	Chá	Dores em geral
65. Davaliaceae	<i>Davallia fejeensis</i> Hook	Arrenda portuguesa (renda)	Folhas	Não sabe	Apenas sabe que é medicinal
66. Pteridaceae	<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl.	Avenca	Folhas	Chá	Apenas sabe que é medicinal
67. Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> L.	Babosa	Folha poupa e seiva	Sumo da folhas	Bom para queimadura e cabelo (inflamações)
68. Begoniaceae	<i>Begonia aconitifolia</i> A.DC.	Begônia	Flor	Não sabe	Usa apenas para paisagismo/sabe que é medicinal
69. Monomiaceae	<i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo do Chile	Folha	Maceração	Dores no estômago
70. Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	Casca	Chá	Gripe
71. Equisetaceae	<i>Equisetum arvense</i> L.	Cavalinha	Caule	Chá	Rins Stances hemorragias
72. Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe Stances hemorragias	Cana de macaco	Folha Caule	Cozinha	Dor de barriga Problema de urina
73. Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mich.	Chapéu de couro	Folha	Chá Infusão Tintura	Reumatismo e bom para o sangue
74. Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da- baia	Fruto Semente	Natural	Dor de barriga
75. Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Folha	Natural	Culinária Salada Suco
77. Caryophyllaceae	<i>Dianthus chinensis</i> L.	Cravo	Folha Fruto	Tempero	Apenas sabe que é medicinal Extração de óleo
78. Polygonaceae	<i>Polygonum hydropiperoides</i> M.	Erva de bicho	Folhas	Ferve Chá	Rins Hemorroida
79. Apocynaceae	<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	Folhas	Não sabe	Paisagismo Sabe que é medicinal
80. Chenopodiaceae	<i>Spinacea oleracea</i> L.	Espinafre	Folhas	Tempero Salada	Culinária/não sabe a parte medicinal
81. Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers	Folha-da- fortuna	Folhas	Não sabe	Paisagismo Não sabe do uso medicinal
82. Phytolacaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Folhas	Junto com álcool/pinga ou vinho Garrafada	Reumatismo Olho gordo
83. Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Rosc	Gengibre	Raiz	Chá	Gripe Virose, infecção
84. Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Folhas Raiz	Ferve	Usado como antibiótico

85. Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Fruto Flor	Natural Chá Macera na água	Pressão alta (Verminose, gripe e bronquite)
86. Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Fruto	Natural	Calmante
87. Meliceae	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim	Folhas	Deixa de molho na água	Combate outras plantas contra inseto
88. Fabaceae	<i>Bauhinia fortificata</i> L.	Pata de vaca	Raiz Folhas	Chá	Diabete
89. Phyllantaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	Folha	Ferve	Rins
90. Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Folha	Chá	Garganta
91. Adoxaceae	<i>Sambucus Australis</i> Cham. &Schltdl.	Sabugueiro	Flor	Chá	Gripe
92. Moraceae	<i>Ficus carica</i> L.	Figo	Fruto	Natural	Comestível Preparo de doce Não sabe do uso medicinal
93. Piperaceae	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	Fruto	Tempero	Culinária

As plantas medicinais

Com relação à aplicabilidade do uso medicinal foram encontradas 93 espécies utilizadas no combate a diversas afecções. Aqui estão representadas as espécies utilizadas para o combate de alguma doença, os chamados “remédios caseiros” usados de acordo com o conhecimento popular. Os estudos direcionados a quintais sejam eles urbanos ou rurais apresentam um grande número de espécies voltadas para fins medicinais, quando comparadas as outras etnocategorias de uso (GUARIM NETO; AMARAL, 2010).

A facilidade ao cultivo de plantas medicinais e o uso dessa medicina popular para combate de algum tipo doença justificam seu uso entre as populações que utilizam deste recurso para alívio de alguma dor, mal-estar, fato este narrado na fala da moradora abaixo:

“Antigamente se dava uma gripe na gente com aquela tosse né, a gente fazia remédio de casa, agora é só farmácia né, a não pode isso, não pode aquilo, não pode aquilo outro” (Mulher, 70 anos).

Neste estudo, a parte da planta mais utilizada no preparo dos remédios caseiros foi à folha com 59 indicações, seguida do fruto (31 indicações). Observa-se que o uso da folha é característico em trabalhos dessa natureza sendo a prática mais comum entre as populações (AÑEZ, 1999; DUARTE, 2001; PASA, 2004; MACEDO; FERREIRA, 2004; AMARAL, 2008; MOREIRA; GUARIM NETO, 2009; NOVAIS; GUARIM NETO, 2011; AGUIAR; BARROS, 2012). Dessa forma, no que diz respeito ao preparo dos remédios caseiros a forma mais utilizada pelos entrevistados foi o chá (49 indicações), dados semelhantes encontrados por Amaral (2008), Carniello; Pedroga (2008), Aguiar; Barros (2012). Nessa mesma abordagem sobre medicina popular Guarim Neto; Maciel (2008) destaca que *“a humanidade busca nas plantas alívio para seus males corporais ou espirituais já há muito tempo, seja através dos chás, banhos unguentos ou tinturas caseiras”*.

A fé e a crença subjacente aos quintais

Durante a visita aos três bairros, nota-se um olhar de fé, de aproximação que as pessoas têm em relação às plantas que possuem, destacando-se as de finalidade medicinal. Entre as espécies medicinais presentes nesse estudo, o none (*Moringa citrifolia* L.) (Figura 3) em todas as aparições foi relatado pela população local como uma espécie indicada para diversas afecções. Entre as finalidades da espécie a mais direcionada foi na aplicação para uso de emagrecimento e o uso no tratamento do câncer, fato esse narrado pelos informantes abaixo:

*“Ah o none
O povo tem uma fé com isso que Deus mi perdoe...
já usei bastante...”*

Bom contra o câncer, contra num sei o que...

Uma muié que vem pegá comigo tava falando que tava com mioma no útero, cabo com ele, uso três meses sabe, foi fazê exame não tinha mais nada.... uns fala que não é bom , mas eu acho que sim”(Mulher, 68 anos).

“Feito no vinho né, deixa essa fruta, quando madura cheira horríve, cheira xixi, ai depois que ela tiver bom de peneirar tira o sumo dela e põe no vinho para tomar...Que aqui em Tangará uma mulher foi curada de câncer com essa planta ai”(Mulher, 59 anos).

Pasa (2011) salienta que “a crença nos efeitos de cura pelas plantas usadas como medicinais varia entre as pessoas”. É por meio dessa aplicabilidade funcional dos quintais que fica visível o conjunto complexo denominado de *kpc*. Segundo Toledo e Bassols (2009), cada indivíduo dentro de seu cenário molda um conjunto de experiências resultando em três fontes preciosas de informações: “o que lhe disseram” (experiência histórica acumulada), “o que lhe dizem” (experiência compartilhada) e por fim “o que se observa por si mesmo” que se trata da experiência individual de cada um. Desse modo, nota-se neste estudo uma forte atenção dos informantes não só pelo uso da espécie citada acima, mas de certo modo, o cuidado com os demais vegetais que os cercam.

FIGURA 3. Vista de *Moringa citrifolia* L. (None)

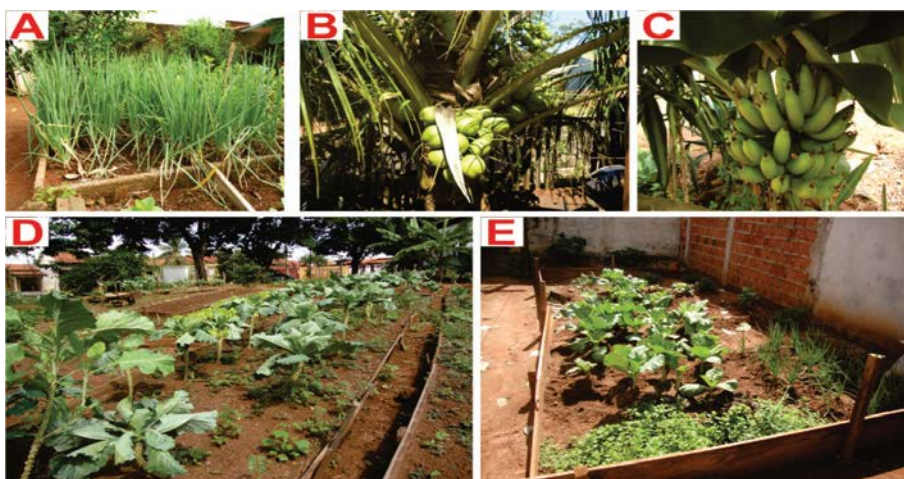


Os quintais tangaraenses

As residências da área estudada detêm em sua maioria uma boa estrutura, seja ela de alvenaria ou madeira, dispondo de sala, quartos, cozinha e banheiro, com energia elétrica e água encanada. Lugares estes que dispõem das joias que alegram e encanta o cenário urbano estudado, as plantas, o verde que completa e engrandece seus respectivos quintais.

Os quintais dos bairros estudados têm um extremo valor e importância para as pessoas que residem nas moradias da área estudada. O conhecimento empírico dessa população sobre os diversos usos das plantas e o manejo da terra, é a principal ponte que liga e complementa a história de vida dessas famílias, pela observação e contato direto do autor com os respectivos detentores do conhecimento dessa flora local. Para Duarte (2001), os quintais são destinados para o cultivo de plantas para complementação de alimentos para a família, no caso como fonte de renda ou para comercialização, como mostra a figura 4.

FIGURA 4. Plantas armazenadas nos quintais. A) *Allium cepa* L.; B) *Cocos nucifera* L.; C) *Musa paradisiaca* L.; D) horta destinada como fonte de renda; E) pequena horta destinada ao consumo próprio, redução de custos.



Em relação ao tamanho do lote dos entrevistados, na vila Portuguesa e no jardim Shangri-lá a maioria dos seus respectivos lotes tem uma dimensão de 15x30m embora envolvendo alguns terrenos com tamanho maior, de 15x45m. O Jardim São Luiz é o que apresenta tamanhos menores entre seus lotes área de 10x12m. Dito isto, quando perguntado para a poluição local a definição de quintal, “para você o que é considerado quintal” os dados revelam que para os moradores, tudo o que se encontra no entorno de seus lares, ou seja, a parte externa de suas casas, à qual são destinadas inúmeras funções, indo desde a criação de pequenos animais, instalação de pequenas hortas e até mesmo afazeres que envolvem o lazer é considerada como quintal: um espaço de manutenção de plantas e saberes. Um espaço de convivência.

Nesse contexto, várias foram às definições de quintais apontadas pelos entrevistados, entre as principais definições temos;

“*espaço livre, onde não está construída a casa*” (Mulher, 51 anos).

“*liberdade, espaço para andar*” (Mulher, 47 anos).

“*espaço em volta da casa que serve para plantar, lazer e ter animais de criação*”
(Mulher, 77 anos).

“*quintal é espaço além da casa, plantar alguma coisa, ter um ar fresco, sem quintal fica tipo um presídio*” (Homem, 47 anos).

Entre suas diversas funcionalidades e aplicabilidades, à população destaca que esses espaços antes de tudo merecem uma atenção especial, uma série de cuidados com o ambiente e sua respectiva conservação. Maciel (2004) comenta que as espécies vegetais cultivadas e os recursos naturais dos quais depende a população, *necessitam ser compreendidos através de estudos e pesquisas acadêmicas, onde as estratégias de manejo do ambiente pelas populações humanas tradicionais ou não, poderão ser esclarecidas*. Dessa forma, aos olhares e cuidados dos moradores, sobre a flora local, os quintais antes de tudo devem ser bem zelados, com cuidados simples e precisos como aponta a Tabela 3.

TABELA 3. Cuidados com o manejo da terra nos quintais, segundo relato dos informantes dos bairros Vila Portuguesa, Jardim Shangri-lá e Jardim São Luiz, Tangará da Serra-MT.

Cuidados	Relatos dos informantes
Zelar	<p>“Zelar para pode conservar”.</p> <p>“Se não tiver planta não tem vida, o quintal alegre a minha vida”.</p> <p>“A terra vai ficando fraca coloco esterco para manter a terra viva”.</p> <p>“Quando acordo olho sempre as plantas” (Mulher, 43 anos).</p>
Regar	<p>“Todo mundo tem que plantar. Não ter medo de gostar. Regar com cuidado. Ter consciência de que no futuro não teremos água, e sabe aproveita a natureza.” (Homem, 53anos).</p>
Quantidade de luz	<p>“Saber a quantidade de água certa para as plantas, Saber quais plantas não deixar expostas ao sol e cuidar” (Mulher, 50 anos).</p>
Conservar	<p>“Conservar, zelar, amor”.</p> <p>“Pois a planta é um ser vivo” (Mulher, 42 anos).</p>
Desmatamento	<p>“Preservar o verde, plantar e evitar desmatamento.” (Homem, 40 anos).</p>

Durante o trajeto nos quintais notou-se um solo favorável para o manejo e cultivo de espécies, entre eles o hábito de plantar pequenas hortas e daqueles que usufruem desse ambiente, principalmente debaixo de suas árvores para conversar entre amigos aproveitando/desfrutando uma bela, boa e agradável sombra.

“*Quintal: usado para plantar desde frutas, verduras, pegar um ar livre, sentar na sombra e descansar*” (mulher, 54 anos).

Enfim, desse contato com a terra e seus cuidados, quando perguntado a quem está direcionada a tarefa da manutenção do quintal, os dados revelam que esse papel envolve a mulher (66,66%), seguido do homem (18,51%), todos os membros da família (9,25%) e 5,55% os dois (homem e mulher). Sobre esta questão, Rocha (2013) relata que esses espaços são de certa forma mantida com ajuda de todos os membros da família, mas que de toda forma as mulheres representam as melhores relações de fidelidade envolvendo as

práticas ligadas ao zelo do quintal, ressaltando que ao homem cabe o papel mais pesado.

CONCLUSÕES

Neste estudo foram encontradas e identificadas 93 plantas de uso medicinal nos quintais da área urbana de Tangará da Serra. A composição florística encontra-se distribuída em 46 famílias botânicas, espécies as quais estão divididas em suas etnocategorias de uso, entre elas, a de maior destaque presente e apontadas pelos informantes foram as de uso medicinal as quais são utilizadas pela população local para o combate e alívio de alguma doença, através do preparo dos chamados “remédios caseiros”.

Desse encontro, homem-planta, a população local mostrou-se consciente da importância dos valores, cuidados e conservação dos recursos naturais existentes em seus respectivos quintais. Fato este que se comprova a partir da análise estabelecida pelas variáveis do conjunto denominado kcp. Estas variáveis permitiram compreender o ambiente e seus processos naturais à base da percepção, dito isto, pelo do contato direto e das observações do pesquisador com os informantes em meio aos seus relatos e suas percepções daquilo que retiram do ambiente do qual estão inserido. Mantendo assim, uma forte relação com os vegetais cultivados nesses espaços e da atenção dessa população local com o seu ambiente, a fim de evitar riscos à saúde humana e para as plantas.

E através dessa plasticidade, deste contexto que a área Etnobotânica se faz valer, ela é importante, pois ela é um meio para capturar os elementos da flora, até chegar à parte que liga o homem e os elementos de seu ambiente, a Etnoecologia.

Portanto, as entrevistas realizadas neste município deixaram claro que o uso de plantas é uma prática em exercício adotado pelas famílias que vivem na área urbana. O conhecimento sobre as diversas formas de uso das plantas cultivadas em seus quintais demonstra que a população Tangaraense é consciente da importância da conservação dos recursos naturais, proporcionando aos seus familiares, amigos e vizinhos uma boa qualidade de vida. Dessa forma, é importante frisar aqueles que ainda mantêm vivo o conhecimento tradicional acerca do uso de plantas, embora esse saber-fazer associado ao seu uso nos dias de hoje aos poucos esta sendo deixado de lado pela população em virtude de técnicas e tratamentos mais sofisticados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U.P. *Introdução à Etnobotânica*. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 93p.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: Livrorapido/NUPEEEA, 2004.

AMARAL, C.N.D. *Recursos vegetais dos tradicionais quintais de Rosário Oeste, Mato Grosso*. 2008. 76f. Dissertação (Mestrado em ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Instituto de Biociências. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT.

AGUIAR, L.C.G.G.; BARROS, R.F.M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do Cerrado Piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil) *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Brasil, V.14, n.3, p.419-434, 2012.

AMOROZO, M.C.M. Os quintais – funções, importância e futuro. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. *Quintais Mato-Grossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres: UNEMAT, 2008. 201p.

AÑEZ, R.B.S. *O uso de plantas medicinais na comunidade do Garcês*. 1999. 157f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT.

AMARAL, C.N.; GUARIM NETO. Quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo de na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso). *Ciências Humanas*, p.329-341, 2008.

CAMPOS, P.A. *Nobres quintais: uma abordagem etnoecologia dos recursos vegetais cultivados nos quintais urbanos de Nobres – Mato Grosso, Brasil*. 2012. 58f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e conservação da biodiversidade) – Universidade Federal de Mato Grosso, PPG-IB-UFMT, Cuiabá.

CARNIELLO, M.A.; SILVA, R.D.S.; CRUZ, M.A.B.D.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazônica*, v.40, n. 3, p.451-470, 2010.

CARNIELLO, M.A.; PEDROGA, J.A. Quintais na Fronteira Brasil-Bolívia, Comunidade de Clarinópolis. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. *Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres, UNEMAT: 2008. 201p.

COTTON, C. *Ethobotany: principles and applications*. New York: J. Wiley, 1996.

DUARTE, T.G. *Um estudo etnoecológico sobre o uso de recursos vegetais em Nova Xavantina, Mato Grosso*. 2001. 135f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da biodiversidade) PPG-IB-UFMT, Cuiabá.

FERREIRA, J.C.V. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Buriti, 2001. 660p.

Flora do Brasil. Lista de Espécies da Flora do Brasil 2013. Disponível em: [HTTP://floradobrasil.jbrj.gov.br/2013](http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2013). Acesso em: dez. 2013.

GERIQUE A. An introduction to *Ethnoecology and Ethnobotany theory and methods*. 2006. *Advanced Scientific Training*, Ecuador.

GOODMAN, L.A. Snowball sampling. *Annals of Mathematical Statistics* v. 32: p. 148-170, 1961.

GUARIM NETO, G. *Plantas medicinais do Estado de Mato Grosso*, Brasília (DF) ABEAS, 1996. 72p.

GUARIM NETO, G.; CARVALHO, J. V. 2011. *Biodiversidade mato-grossense: as plantas*

e suas potencialidades. Cuiabá: Carlini & Caniato, 152p.

GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Mato Grosso: UNEMAT, 2008. 201p.

GUARIM NETO, G.; MACIEL, M.R.A. *O saber local e os recursos vegetais em Juruena Mato Grosso*. Mato Grosso: Entrelinhas, 2008. 112p.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C.N.D. Aspectos Etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica*, México, n.29, p.191-212, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. (www.ibge.gov.br/cidadesat/index.php). Acesso em 09/07/2013.

KORMONDY, E.J.; BROWN, D.E. *Ecologia humana*. São Paulo: Atheneu, 2002. 504 p.

MACEDO, M.; FERREIRA, A.R. Plantas medicinais usadas para tratamentos dermatológicos, em comunidades da bacia do alto Paraguai, Mato Grosso. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v.14, supl. 01, p.40-44, 2004.

MACIEL, M.R.A. *Uso social da biodiversidade: um estudo etnoecológico sobre os recursos vegetais em Juruena, Mato Grosso, Brasil*. 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Universidade Federal de Mato Grosso, PPG-IB-UFMT, Cuiabá.

MORAIS, F.F. D; SILVA, C.J.D. Etnoecologia de plantas nativas na comunidade de Estirão Comprido, Pantanal Matogrossense – Brasil. *Revista de Ciências Agro-Ambientais*, v.9, n.1, p.13-30, 2011.

MOREIRA, D.L.; GUARIM NETO. Usos múltiplos de plantas do Cerrado: um estudo etnobotânico na comunidade Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica*, n.7, p.159-190, 2009.

NOVAIS, A.M.; GUARIM NETO, G. Plantas medicinais em área florestal. In: GUARIM NETO, G.; CARVALHO, J.V.F. *Biodiversidade mato-grossense: as plantas e suas potencialidades*. Cuiabá, Carline & Caniato: 2011.

PASA, M.C. *Etnobiologia de uma comunidade Ribeirinha no alto da bacia do rio Árica Açu, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil*. 2004. 174f. Tese (Doutorado em Ecologia e recursos naturais) Centro de ciências biológicas e da saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. SP.

PASA, M.C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v.6, n.1, p.179-196, jan.abr. 2011.

POSEY, D.A. Etnobiologia: teoria e prática. *Suma etnobiológica brasileira*, v.1. Petropólis: Vozes/FINEP, 1987.

RIEDER, A.; GUARIM NETO, G. *Saúde e Ambiente: Plantas Medicinais utilizadas para controle de diabetes em Mato Grosso, Brasil*. Cáceres: Ed.UNEMAT, 2012. 97p.

ROCHA, D.B. Comunidade de Saloba Grande, Porto Estrela – MT: quintais, plantas e pessoas. In: PASA, M.C. *Múltiplos olhares sobre a biodiversidade II*. Jundiá, Paco Editorial, 2013. 228p.

SANTOS, S.D.; GUARIM NETO, G. Etnoecologia de quintais: estrutura e diversidade de usos de recursos vegetais em Alta Floresta. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres, UNEMT: 2008. 201p.

SOUZA, V.C; LORENZI, H.; *Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de angiospermas da flora Brasileira, baseado em APGIII*. Nova Odessa. São Paulo: Instituto Platarum, 2013.768p.

TOLEDO, V.M; BOSSOLS, A.B. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e meio ambiente*, n.20, p.31-45, 2009.

VOGL, C.R.; VOGL-LUKASSER, B.; PURI, R.K. Tools and methods for data collection in ethobotanical studies of homegardens. *Field Methods*, v.16, n.3, p.285-306, 2004.